

A Folkcomunicação em tempos de Inteligência Artificial: Desafios, provocações e perspectivas¹

Orlando Maurício de Carvalho Berti²

Submetido em: 28/04/2025

Aceito em: 09/11/2025

RESUMO

A Folkcomunicação tem se destacado entre o cenário de perspectivas sobre as mediações informacionais populares e também as mediações contemporâneas, mesmo havendo uma nítida academização entre epistemologias do Hemisfério Norte. Em tempos de profusão das inteligências artificiais, como os estudos folkcomunicacionais, caracterizados como a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira, são impactados com essas transformações advindas do debate e da existência praticamente massiva, entre os conectados, dos sistemas de Inteligência Artificial? Por conta de suas próprias questões epistemológicas e seu nascedouro e aplicação entremeio aos marginalizados, as inteligências artificiais impactam mais ou menos essa teoria comunicacional? Destaca-se, analisa-se e polemiza-se esses pontos, tendo-se como um estudo de caso refletindo o status da Folkcomunicação no meio desta terceira década do século XXI. Frisa-se que a teoria proposta por Luiz Beltrão tem sido menos impactada principalmente pelas próprias perspectivas dos grupos balizados, mesmo havendo uma modernização entre seus ensinamentos, principalmente pelas inteligências artificiais tratarem de mais perspectivas quantitativas e algorítmicas, enquanto a Folkcomunicação permanece em suas perspectivas qualitativas, afetivas e mediacionais, muitas vezes envolvendo públicos que sequer estão totalmente conectados aos tempos tecnológicos-internéticos e algorítmicos.

¹ Trabalho apresentado mediante apoio de Edital de Produtividade em Inovação Tecnológica na UESPI – Universidade Estadual do Piauí e na FAPEPI – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí.

² Professor efetivo (Adjunto IV – DE) dos cursos de Bacharelado em Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí, campus Poeta Torquato Neto (em Teresina – PI) e Professor Barros Araújo (em Picos – PI). Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UMESP, com estágio doutoral na UMA – Universidad de Málaga, na Espanha. É líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI. Desenvolve atualmente pesquisas sobre mediações, questões comunicacionais do Sertão do Piauí, tecnologias atuais e tecnologias sociais. Bolsista de Produtividade Tecnológica da UESPI – Universidade Estadual do Piauí e da FAPEPI – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí. Diretor do LIAJ – Laboratório de Inteligência Artificial em Jornalismo da UESPI. Correio eletrônico: berti@uespi.br.

PALAVRAS-CHAVE

Folkcomunicação; Comunicação; Inteligência Artificial; contemporaneidade; reflexão.

Folkcommunication in times of Artificial Intelligence: Challenges, provocations and perspectives

ABSTRACT

Folkcommunication has stood out among the perspectives on popular informational mediations and also contemporary mediations. In times of profusion of artificial intelligence, how is this area, characterized as the first genuinely Brazilian theory of communication, impacted by these transformations? Due to its own epistemological issues and its origin and application among the marginalized, do artificial intelligences impact this communicational theory to a greater or lesser extent? These points are highlighted, analyzed and debated, taking as a case study reflecting the status of Folkcommunication in the middle of this third decade of the 21st century. It is emphasized that the theory proposed by Luiz Beltrão has been less impacted mainly by the perspectives of the guided groups themselves, even though there has been a modernization among its teachings, mainly because artificial intelligence deals with more quantitative and algorithmic perspectives, while Folkcommunication remains in its qualitative, affective and mediational perspectives, often involving audiences that are not even fully connected to the technological-internet and algorithmic times.

KEY-WORDS

Folkcommunication; Communication; Artificial Intelligence; contemporaneity; reflection.

La Folkcomunicación en tiempos de Inteligencia Artificial: Desafíos, provocaciones y perspectivas

RESUMEN

La Folkcomunicación se ha destacado entre las perspectivas sobre las mediaciones informativas populares y contemporáneas. En tiempos de proliferación de la inteligencia artificial, ¿cómo se ve impactada esta área, caracterizada como la primera teoría de la comunicación genuinamente brasileña, por estas transformaciones? Debido a sus propias cuestiones epistemológicas y a su origen y aplicación entre los marginados, ¿influyen las inteligencias artificiales en mayor o menor medida en esta teoría comunicacional? Se destacan, analizan y debaten estos puntos, tomando como caso de estudio el estado de la folkcomunicación a mediados de esta tercera década del siglo XXI. Se destaca que la teoría propuesta por Luiz Beltrão se ha visto menos impactada, principalmente por las perspectivas de los propios grupos guiados, si bien se ha producido una modernización en sus enseñanzas, principalmente porque la inteligencia artificial aborda perspectivas más cuantitativas y algorítmicas, mientras que la folkcomunicación se mantiene en sus perspectivas cualitativas, afectivas y mediacionales, a menudo involucrando a públicos que ni siquiera están plenamente conectados a la era tecnológica, de internet y de los algoritmos.

PALABRAS-CLAVE

Folkcomunicación; Comunicación; Inteligencia artificial; tiempo contemporáneo; reflexión.

Introdução

A temática Inteligência Artificial tem instigado fortes discussões contemporâneas principalmente em decorrência de seus efeitos e de sua presença entre os conectados. Coloca-se nos sistemas oriundos àquela área a solução de vários problemas, inclusive os sociais. Midiatiza-se como se esses sistemas fossem capazes de solucionar qualquer assunto ou problema, inclusive o humano. Apregoa-se, cada vez de maneira modal e midiaticamente, que os dispositivos ligados à Inteligência Artificial generativa, como é o caso do ChatGPT (ao menos, por enquanto – neste meio de terceira década do século XXI –, o mais famoso e o mais usado de todos) sendo um lugar de escrita, criação de imagens e substituição do humano em vários pontos.

As gerações mais novas (notadamente nascidas entre o final do século XX e as duas primeiras décadas deste século), cada vez mais conectadas aos dispositivos internéticos e menos conectadas aos dispositivos humanos nos sentidos do olhar, do pegar, do ver, do cheirar e do ouvir, têm confiado suas sociabilidades em dispositivos que se dizem inteligentes artificialmente, mas que são parametrizados na imitação do humano.

Destaca-se que os sistemas de I.A. (abreviatura de Inteligência Artificial) generativa, são balizados na própria produção humana. Mediante o que é postado, como é postado e a maneira como é compartilhado nas redes, os sistemas trazem parâmetros quantitativos, imitando as perspectivas qualitativas, criando-se a ideia de que dão uma resposta supostamente próxima a humana a quem os procura. Os sistemas de Inteligência Artificial trarão e darão alguma resposta, o que se questiona, inclusive antes de adentrar-se ao campo folkcomunicacional propriamente dito, é se essas respostas realmente refletem. Glauco Arbix (2019) já chamava atenção para essas respostas e seus enviesamentos, principalmente por quem os baliza. Orlando Berti (2023; 2024a; 2024b) já destacava sobre os sistemas de I.A. generativo em serem mediadores e auxiliadores às questões comunicacionais, como foram no século XX o computador e no início do século XXI a Internet, ou se esses sistemas substituirão os humanos que têm entregado suas atividades como finalizações e não como meios de ajuda e avanço para o ainda precioso ato humano?

O debate sobre Inteligência Artificial já caracterizaria por si só o artigo, mas interliga-se este assunto às perspectivas folkcomunicacionais, principalmente levando-se em conta a contemporaneidade desses assuntos e suas interligações.

Problematiza-se a partir da reflexão sobre em tempos de profusão das inteligências artificiais, como os estudos folkcomunicacionais, caracterizados como a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira, são impactados com essas transformações advindas do debate e da existência praticamente massiva, entre os conectados, dos sistemas de Inteligência Artificial (principalmente a generativa)? Por conta de suas próprias questões epistemológicas e seu nascedouro e aplicação entremeio aos marginalizados, as inteligências artificiais impactam mais ou menos essa teoria comunicacional?

Objetiva-se destacar, analisar e polemizar sobre esses pontos de desafios, provocações e debates em tempos de Inteligência Artificial e a Folkcomunicação.

Metodologicamente é feito um estudo de caso, balizado nos ensinamentos de Robert Kenneth Yin (2014), destacando pontos tradicionais da Folkcomunicação, seus conceitos basilares, suas perspectivas epistemológicas de avanços e atualizações, chegando-se à comparação de pontos interligados à Inteligência Artificial, principalmente os convergentes às questões comunicacionais contemporâneas.

Para melhor compreensão dessas pontuações abordam-se os debates em quatro momentos: o primeiro, “*Inteligência Artificial e mudanças na Comunicação*”, destaca sobre as perspectivas dos sistemas de I.A., seus ensinamentos e conjunturas; já o segundo, com nome de “*A Folkcomunicação e seu acompanhamento das perspectivas contemporâneas*” trata acerca de uma reflexão sobre o papel da Teoria Beltraniana, notadamente após o primeiro momento de debates, preparando-se para a interligação entre as duas áreas; o terceiro momento, “*Quando a Folkcomunicação encontra a Inteligência Artificial. Perspectivas, reflexões e desafios*”, enfatiza sobre a análise do fenômeno abordado e os pontos positivos e não tão positivos, com respectivas lições para a área folkcomunicacional. Sendo que essas perspectivas serão complementadas em um quarto momento de considerações.

Inteligência Artificial e mudanças na Comunicação

Sistemas de Inteligência Artificial fazem parte de atividades envolvendo seres humanos há quase um século e são tão antigos quanto o próprio computador, inventado para dar maior rapidez no processamento de atividades humanas, notadamente as quantitativas. Foi no final da primeira metade do século XX que sistemas do tipo começaram a ser pensados e, entre o período da Guerra Fria (1947-1989), começou a dar seus primeiros passos. O que são considerados experimentos revolucionários, já neste século XXI, são reproduções de sistemas já comuns nas décadas de 1970 e 1980, capitaneadas pelos *chatbots*, sistemas que dão a sensação de que alguém esteja conversando com quem vivencia as interligações e atualmente comuns em praticamente todos os sistemas eletrônicos de atendimento. Ou ainda pelas LLMs (*Large Language Models*, ou, traduzindo para português: Grandes Modelos de Linguagem). O DS Academy (2023) diz que as LLMs são treinadas em grandes quantidades de dados de texto no sentido de dar a sensação de aprendizado de padrões, podendo realizar vários tipos de tarefas de linguagem, análises de sentimentos, conversas com *chatbots*, podendo entender dados textuais completos, com identificação de entidades e relacionamentos entre eles e gerando novos contextos, dando a ideia de precisão. Para a IBM (2025), as LLMs são modelos de aprendizado de máquina (*machine learning*), sendo projetadas para entender e gerar conteúdos como se fossem humanos, utilizando base constante de dados, alimentados pelas próprias pesquisas e usos dos sistemas de I.A. para gerar respostas coerentes e relevantes. “Eles são capazes de fazer isso graças à bilhões de

parâmetros que permitem que capturem padrões complexos na linguagem e executem uma ampla variedade de tarefas relacionadas a linguagem” (IBM, 2025, p. 1).

Orlando Berti (2024a; 2024b) enfatiza que o ser humano, desde o período do Iluminismo (que tem sedimentação a partir do século XVIII), tenta impulsionar atitudes que o centralizem e o tenham com mais pensante. Nesse período histórico o humano passa a ter mais centralidade que o divino (ou começou a achar que tinha, principalmente afastando-se e até negando as questões teológicas), tem levado a um salto e expansão de modernizações, ações e até a própria negativa do que, por séculos, foi o centro do universo; viu e se sentiu instigado em sempre poder entender e reproduzir o pensamento de outras pessoas. Entra em cena o antropocentrismo em lugar do teocentrismo, ou seja, o ser humano está no centro, ou quer estar, por isso tenta inventar e se superar a cada dia.

Uma das ambições antropocêntricas, desde o período Iluminista, é conhecer, não só a mente dos seres humanos e seus processos, mas reproduzi-la através de máquinas e potencializar seus pensamentos. Antes, a mente, com pensamentos e crenças eram atribuídas a uma dádiva de divindades (sejam elas monoteístas ou politeístas, a depender do lugar de criação e da cultura vivida por seus crentes).

Peter Norving e Stuart Russel (2013) dizem que durante milhares de anos o humano tenta compreender como pensamos e ainda destacam que um dos objetivos da Inteligência Artificial é ir mais longe que o pensamento humano, não tentando somente compreender, mas também atuar na construção e entidades inteligentes, ou seja, os dispositivos que possam mediar isso em consonância com os humanos. Enquanto isso, Amanda Lemos (2023) enfatiza que desde a Grécia Antiga (antes de Cristo) os pensadores daquela região já agiam em confabular sobre criaturas que emulassem capacidades humanas com a criação de seres artificiais por artesãos; inclusive, na própria mitologia grega, há o deus da metalurgia e do fogo, Hefesto, que teria criado autômatos de metal para ajudá-lo em suas tarefas. Esse mesmo pensamento foi destacado em termos literários em várias culturas temporalmente posteriores, mas só começou a ganhar seus primeiros tons de materialização no século XX e suas provas cabais neste século XXI.

Flávia Oliveira (2024) diz que Aristóteles já tinha desenvolvido um sistema informacional de silogismos (argumentação lógica) para raciocínio, por meio de premissas, gerando uma série de conclusões e que é atribuído a Leonardo da Vinci a criação de uma

calculadora mecânica que inspirou o conceito inicial de automação computacional e, séculos depois, a inspiração do primeiro computador propriamente dito.

Nos anos 1870, no romance Erewhon, de Samuel Butler (1970), é feito uma metáfora sobre que em um ponto do futuro (não especulando quando) as máquinas teriam potencial de terem consciência. Na literatura, foi o primeiro registro sobre o que, 120 anos depois, tornou-se a Inteligência Artificial profunda.

Já no século XX, em 1921, o dramaturgo tcheco Karel Čapek, lança a peça Rossumovi univerzální roboti (traduzindo para o português: Robôs Universais de Rossum), que tratava sobre pessoas artificiais que trabalhavam em uma fábrica do interior da então Tchecoslováquia. Foi a primeira vez que apareceu na história a palavra robô.

Não foram os literatos, nem os cineastas e nem os filósofos, mas sim os matemáticos que inauguraram e começaram a provar que era possível, primeiro por meio de cálculos e depois por meio do processamento de máquinas (inicialmente analógicas e depois, digitais), chegar perto ao poderio do corpo humano no processamento de informações.

O termo Inteligência Artificial, como o conhecemos em português, é uma tradução da terminologia em inglês Artificial Intelligence e sua abreviatura A.I.). Por isso, também em português, abreviamos para I.A. John McCarthy (2007) diz que a I.A. é a ciência da criação de máquinas inteligentes. Enquanto que Nils Nilsson (2009) é mais enfático em destacar que por ser um conjunto de técnicas de construção de máquinas inteligentes, as I.As. são capazes de resolver problemas que haja a requisição de inteligência humana.

Por mais que seja modal na contemporaneidade falarmos e tratarmos sobre I.A. e suas consequências, inclusive comunicacionais, é interessante saber que a Inteligência Artificial não é algo do século XXI, mas que vem ganhando forma, pensamento e proposições desde a primeira metade do século XX.

A Rede Mundial de Computadores, como também é conhecida a Internet, não nasceu para um fim jornalístico e muito menos com uma função social, como muita gente imagina atualmente. Ela tem origem no final da década de 1960, como destaca Manuel Castells (2003), como uma rede para fins militares (de defesa) dos Estados Unidos. Eles travaram com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a chamada Guerra Fria, tornando o planeta praticamente dividido sob a influência dessas duas grandes potências bélicas. De um lado, os Estados Unidos, mais capitalista e defendendo as liberdades econômicas e o mercado em si e

as agruras do capitalismo. Do outro lado, a União Soviética, socialista e defendendo o estado e a igualdade entre seus membros e as agruras do socialismo e, em alguns casos, inspirando perspectivas do comunismo.

Com a iminência de um conflito nuclear, em plena Guerra Fria, que parecia antever o Apocalipse bíblico, antevisto pelas bombas nucleares lançadas no Japão em 1945, era preciso criar um conjunto de redes que pudessem continuar se comunicando mesmo que um dos elos fosse rompido. Previa-se ataques nucleares, principalmente porque ambos os lados fabricavam cada vez mais artefatos do tipo. Aquelas redes precisavam, mesmo sob um ataque nuclear (capaz de colocar a pó cidades inteiras, como foi provado pelos próprios Estados Unidos nos bombardeios ao Japão), continuarem tendo poder comunicacional.

De uma maneira genial, e já entendendo o potencial das redes comunicacionais, o governo estadunidense espalhou essa rede por vários lugares do planeta, interligando uma gama de pontos, sendo que se uma parte fosse danificada, a outra suplantaria, dado sua interconexão. Em ameaças de recrudescimento ao belicismo nuclear contemporâneo, essa ideia mostra-se, ao menos militarmente falando, como algo a ser refletido e com grandes consequências para o pensamento sobre as redes comunicacionais.

Com o fim da Guerra Fria, sacramentado no início da década de 1990, devido a dissolução do sonho soviético de um mundo comunista/socialista e do declínio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que deu lugar a quase duas dezenas de países (muitos deles já vivenciando clima altamente ocidentalizado) a Internet, antes bética e de controle militar, passou a ficar a cargo de instituições de pesquisa, notadamente acadêmicas, que começaram a socializar ideias e a criar mais redes pelas redes, pluralizando, inclusive, as questões de uma maior inserção entre os excluídos midiáticos.

Talvez, em termos de colaboração, mesmo ainda sendo para um público seletivo (pesquisadores de graduação, pós-graduação e de instituições conectadas), a Internet vivenciou a sua maior expansão e era puramente científica e de parcerias em prol do conhecimento. O sucesso, inclusive socializante da ferramenta, começou a ser disponibilizado, no final da década de 1990 para o público não universitário, sendo acrescentado dois grandes itens àquela rede que até hoje, com suas respectivas subdivisões, são sucesso de expansão e consumo, a informação e o entretenimento, potencializados pela criação de novas interfaces, um deles os correios eletrônicos (os e-mails) e também sites com interface gráfica

proporcionando fotografias e vídeos, além dos hiperlinks. A Internet interligou pessoas de cantos até então que só poderiam se comunicar de maneira instantânea por meio fonado, possibilitou a popularização dos correios eletrônicos, ampliou o webjornalismo, que era a maneira de se noticiar fatos por meio de páginas (os sites) e de trazer outras páginas (os links), com a possibilidade de múltiplos meios (texto, som, imagem – estática e dinâmica – em um só lugar), instigou as mensagens instantâneas (via chats) e impulsionou a circulação de informações e de novos atores no processo.

Se na década de 1980 as principais informações do Brasil e do Mundo eram mediadas por um punhado de menos de dez emissoras de televisão, menos de dez revistas de circulação nacional (tínhamos quatro de informações gerais e de circulação semanal que circulavam a partir dos domingos, mas com datas das quartas-feiras posteriores), menos de duas dezenas de emissoras de rádio nacional e de outro punhado de jornais impressos de circulação nas principais cidades e quase sua totalidade sediado ou no Rio de Janeiro ou em São Paulo, a Internet juntou tudo isso e, em poucos cliques e em sua capacidade multimidiática em ter texto, fotografia, vídeo e som em um mesmo lugar, não só impulsionou aqueles meios, mas outros meios próprios que foram surgindo pela atuação de jornalistas e pessoas do entretenimento.

O certo é que, independentemente de discussão e debate se esses novos atores realmente influenciam ou não, é que esses atores são utilizados e importantes com elos nos processos comunicacionais atuais.

Todo este potencial de mediação, de público, principalmente porque esses atores midiáticos são fortes em bolhas (níchos: culturais, políticos, de entretenimento e até de informação), nunca antes representadas por linguagens e estilos próprios, utilizando a outra grande revolução que é a Inteligência Artificial? Aí está outro ponto a ser levado em conta e, principalmente, notarmos que a Internet nesta terceira década do século XXI, apesar de sua importância, é um caminho para um rumo ainda mais desafiador, tanto para quem faz entretenimento, grande número e público da Internet, bem como para quem faz Jornalismo, tido como a parte mais importante (ao menos para alguns) no sentido de mediar informações.

A Inteligência Artificial usa desses mecanismos para, principalmente, poder angariar mais públicos, o que é extremamente normal no mundo do consumo e na sociedade

capitalista, criando-se públicos e demandas, principalmente para os produtos e sistemas que são disponibilizados pelas empresas que acreditam e apostam na tendência.

Assim como os pergaminhos, depois os produtos feitos nas prensas, bem como as informações circundantes via telégrafo, depois pelo telefone e mais tarde pela Internet, a Inteligência Artificial dá outro status a esses processos comunicacionais. Nos cabe debater sobre os pontos positivos e não tão positivos dessas interfaces, mas sempre ter a noção de que, com ou sem nossas críticas e elogios, é um caminho que já faz parte da vida de muita gente, mesmo que muitos ainda tenham vergonha de reconhecer ou dizerem que o ato de utilizar um sistema de I.A. é tão comum quanto acessar o WhatsApp, enviar um e-mail ou ver uma rede social.

E quais as relações com a Folkcomunicação? É o que começaremos a ver a partir de agora, sem antes, tratar sobre as perspectivas da Teoria Beltraniana e seus pontos para confluências com essa comunicação.

A Folkcomunicação e seu acompanhamento das perspectivas contemporâneas

Por mais que o campo comunicacional e a teoria da Folkcomunicação, desde a seminalidade, ao ser debatida e proposta por Luiz Beltrão (2014), concordem nos avanços da sociedade, de suas culturas e das maneiras de mediarem tudo isso, nota-se que a velocidade com que as novidades tecnológicas e as sociabilidades muitas vezes precisam ser potencializadas para acompanharem as mudanças promovidas pelos dispositivos algorítmicos, como destaca Georg Simmel (2006) ao evocar o poder das sociabilidades deste século. Luiz Beltrão (2014) destaca sobre os agentes e os meios populares com suas expressões de fatos e ideias, balizados no modelo do líder de opinião de Paul Lazarsfeld (1972) sobre a necessidade de uma mediação oriunda do líder de opinião a grupos antes não muito conectados. Falar contemporaneamente de conexão é até um paradoxo, pois mesmo nos lugares em que não há energia elétrica há uma iminência das conexões balizadas pela Internet, notadamente conectadas em dispositivos móveis celulares.

A Folkcomunicação tem evoluído e tem se mostrado um campo de avanços e de novas abrangências, acompanhando, principalmente as transformações da própria sociedade e da

própria cultura. Novos atores surgem, e surgirão nos processos comunicacionais, inclusive nos folkcomunicacionais.

José Marques de Melo (2003), discípulo direto e maior impulsionador e irradiador dos pensamentos folkcomunicacionais, já destacava sobre essas mudanças e o quanto a teoria beltraniana era responsável por esse acompanhamento e o quanto as mediações, balizadas nos processos comunicacionais seriam uma resposta ao entendimento desses avanços.

Nem José Marques de Melo (2003), nem Luiz Beltrão (1971; 1980; 2004; 2014) trataram diretamente sobre as questões das redes sociais e da Internet, mas alertaram sobre as novidades, possibilidades e influências dos meios massivos para as mediações informacionais da época, contemporaneamente base para muitos pontos sobre a própria Folkcomunicação, seus interesses, novas leituras e caminhos epistemológicos e teóricos.

Não por conta dos necessários avanços epistemológicos e um Brasil retratado por Luiz Beltrão e Newton Quirino (1986) mas também devido a uma necessidade e aparecimento de novos atores nos processos comunicacionais, inclusive saindo-se uma verticalidade para uma horizontalidade fortemente ampliada por ciclicidades.

Iury Parente Aragão (2025) faz uma atualização e uma provocação epistemológica sobre as questões folkcomunicacionais, indo de sua gênese até o século XXI, mostrando como a teoria cresceu, suas perspectivas e desafios contemporâneos. É um compêndio de informações que indica uma Folkcomunicação mais aberta e abrangendo outros tipos de públicos, ampliando conceitos ampliadores das ideias iniciais de Luiz Beltrão feitas por Roberto Benjamin (1998; 2004) já em uma transição teórica de pensamentos entre os séculos XX e XXI, modernizando os conceitos folkcomunicacionais também para outros ambientes e já abrangendo não mais uma questão eminentemente cultural, mas também abrangente de outras mediações, já modernizadas em questões midiáticas e também envolvendo outros públicos e os próprios meios de comunicação, considerados massivos.

Quem dá essa ampliação, inclusive com a cunhagem do termo Folkmídia, sobre a interação com a Folkcomunicação e os meios de comunicação, sendo a primeira influente sobre os segundos e não os segundos influentes da Folkcomunicação, como apregoa-se nos movimentos e na comunicação massiva, foi Joseph Luyten (1988), e depois Severino Lucena (2007), inclusive trazendo as questões folkcomunicacionais com o marketing.

Tamara Guaraldo (2008) evoca a importância dos líderes de opinião já neste século XXI e seus papéis frente a uma Folkcomunicação mais modernizada, inclusive com as próprias questões das redes sociais e dos dispositivos internéticos, pois, em seus ambientes (sejam físicos ou virtuais) ainda têm conhecimento sobre o tema, prestígio nas localidades (sendo local o espaço e não mais território), bem como exercem o papel de conselheiros de audiência e ainda são instigadores da cultura popular.

Mas a Folkcomunicação, balizada na questão dos marginalizados, passando pelas perspectivas da cultura, depois da sua interação com a mídia e os avanços epistemológicos, tem a ganhar ou a perder em tempos de Inteligência Artificial?

Quando a Folkcomunicação encontra a Inteligência Artificial. Perspectivas, reflexões e desafios

A convergência ou a divergência da Folkcomunicação com a Inteligência Artificial não pode ser materializada como um encontro humano, de entes, mas, a perspectiva da humanidade, das próprias relações comunicacionais e de suas mediações, inclusive com os marginalizados, base inicial da Teoria Beltraniana. Ou seja, envolvendo humanos, seus processos, suas relações e seus afetos. Por mais que os dispositivos virtuais, internéticos e catalisados pelas I.As. possam dar a sensação de uma maior interação, ainda é no cara a cara, no cheirar, no sentir, no ver, no estar próximo, que muitas das relações são convergidas.

Nesse ponto humano, social e cultural, ou em todas as suas interfaces, a Folkcomunicação se sobressai e sobressairá em relação à Inteligência Artificial.

As I.As. foram inventadas e programadas para serem o mais quantitativista possível, mesmo tentando qualitativizar-se, mas é na comunicação do dia a dia, dos seus sentimentos e afetos, muitos balizados pelas questões das proximidades folkcomunicacionais, que ocorrem avanços e a garantia, mesmo abandonada por muitos dos que acham que estão conectados por dispositivos eletrônicos. É uma das metas dos sistemas de Inteligência Artificial generativo o tentar pensar e agir pelo humano, inclusive como sendo o próprio líder de opinião, que baliza o pensamento folkcomunicacional. Mas nota-se que a base não particular dos grupos ao serem relativizados com um todo de um espectro geral, podem não refletir a realidade e, mais

uma vez, provando o próprio enviesamento das respostas dos sistemas de Inteligência Artificial.

Os pensamentos folkcomunicacionais, desde Luiz Beltrão, passando por seus interpretadores, discípulos e evoluidores (e até críticos) dão vazão a sérias reflexões sobre a própria implementação e popularização da Inteligência Artificial, de sua rapidez e da influência dos sistemas algoritmos, notadamente os de I.A. generativa (que geram a sensação de aprendizado) em tempos de que ainda sequer não há uma conectividade geral. Questiona-se: ela realmente é popular ou apenas alguns pequenos pontos dos sistemas de Inteligência Artificial tentam ser populares enquanto seus sistemas mais complexos são vendidos a valores raramente alcançáveis pela média salarial de boa parte da população. Nota-se, sem querer a autoria de neologismos que as I.As. instigam uma marginalização algorítmica.

Se no período do lançamento da Teoria da Folkcomunicação o Brasil passava por fortes transformações entre a mudança do eminentemente rural para o eminentemente urbano (principalmente nas grandes cidades do eixo Rio – São Paulo e um pouco para o Distrito Federal), neste meio de terceira década do século XXI nota-se mudanças em conexões, conectividades e em uma alta aposta dos sistemas de I.A.

Até em locais em que os conceitos dos líderes de opinião, iniciais para um balizamento teórico folkcomunicacional ainda se mostram efetivos e até usuais, destaca-se uma maior conectividade daqueles lugares para o Mundo.

Não há mais um isolamento geográfico como outrora. Com raríssimas exceções de comunidades isoladas e auto isoladas, que, são preservadas em seus isolamentos como uma maneira de não se compartilhar enfermidades com os não isolados, tem-se uma conexão maior, e até mais rápida com parte do restante do planeta, mesmo impulsionada por dispositivos conectados e com o paradoxo de conexões mais fortes e menos fortes desses dispositivos. Esse ponto é outra diferenciação relacionada aos sistemas de Inteligência Artificial, mostrando que as conexões dos mesmos menos integram que propriamente incorporam, principalmente quando se coloca todas as sociabilidades nesses dispositivos e crê-se que os mesmos solucionam todos os problemas.

Trata-se não de uma reflexão tecnófoba, em que a tecnologia é deixada de lado e não deve. As próprias tecnologias da época foram importantes em provar a importância do líder folkcomunicacional em mediador do processo para a mediação dos grupos marginalizados e

não abrangidos por tecnologias de comunicação de massa, como era o Brasil retratado por Luiz Beltrão (1971; 1980; 2004).

Enquanto o líder folk daquele período trazia as mediações analogicamente, contemporaneamente há novos caminhos via sociabilidades virtuais. Mas será que essas realmente edificam e comunicam ou vivenciam o paradoxo de acharmos que estamos cada vez menos informados mesmo havendo uma quantidade cada vez maior de meios informativos?

A maior das inteligências é a evolução para que ela, juntamente com quaisquer dispositivos, inclua, evolua, instigue e traga meios socializantes e não dispersores ou que aumentem o fosso de desigualdades.

A Folkcomunicação continuará forte, seus desafios epistemológicos, como em todas as décadas de sua existência, continuarão ocorrendo e trarão novos estudos, novas perspectivas, novos olhares e novas comparações, inclusive com a própria necessidade, em seus caminhos de Folkmídia, da própria utilização popular de sistemas de Inteligência Artificial, notadamente públicos e de acesso aberto para uma maior possibilidade de mediação e intermediação de seus fazeres, ampliando seus saberes históricos, tradicionais e até resgatando seus pontos históricos, principalmente mediante a interligação entre o oral, o histórico, com o virtual e o contemporâneo.

Considerações

Em tempos de profusão das inteligências artificiais, como os estudos folkcomunicacionais, caracterizados como a primeira teoria da comunicação genuinamente brasileira (e de grande relevância comunicacional), são impactados com essas transformações advindas do debate e da existência praticamente massiva, entre os conectados, dos sistemas de Inteligência Artificial? Este foi o questionamento inicial que levou a escrita deste artigo e tem instigado uma série de pesquisas entre o grupo que participamos e temos a oportunidade de orientar. Nota-se que é fato que a Folkcomunicação sofre e sofrerá impactos, não só pelas inteligências artificiais, mas pelos usos que forem dados, sendo que pode ser beneficiada caso seus sistemas supram as necessidades das populações historicamente alijadas de faltas de mediações, tão defendidas, lembradas e destacadas pelo pensamento folkcomunicacional,

bem como podem ser, os mesmos grupos, alienados e manipulados com sistemas do tipo caso haja uma aposta direta e exclusiva para esses sistemas no sentido de mediarem as sociabilidades por completo.

Por conta de suas próprias questões epistemológicas e seu nascedouro e aplicação entremeio aos marginalizados, as inteligências artificiais impactam mais ou menos essa teoria comunicacional? Este foi outro questionamento levado em conta e destaca-se que os impactos são, ao menos de momento, neste meio de terceira década do século XXI, de que a Folkcomunicação permanece em suas perspectivas qualitativistas, afetivas e mediacionais, muitas vezes envolvendo públicos que sequer estão totalmente conectados aos tempos tecnológicos-internéticos e algorítmicos, que continuam recebendo essas emissões por meio de líderes de opinião ou mediadores qualificados, mediante suas próprias culturas, principalmente porque muitas delas só são abrangidas pelos meios de comunicação massivos e, consequentemente, pelos sistemas de Inteligência Artificial (balizados nessas mediações) quando são foco de alguma cobertura.

Então, se há um silenciamento dessas comunidades, desses grupos, naturalmente, os próprios sistemas, terão uma maneira menos eficaz de abrangê-las.

Mas, ao mesmo tempo, nada impede que as novas gerações, fortemente conectadas com esses sistemas, possam também valer-se, inclusive de folkcomunicacionalmente, desenvolverem suas inteligências naturais, fortalecendo sistemas de I.A. e vivenciando uma Inteligência Folkcomunicacional.

Este texto não pretende trazer conceitos fechados, muito menos verdades absolutas, principalmente porque, tanto a Folkcomunicação, quanto o próprio campo comunicacional em geral, e ainda a própria Inteligência Artificial, passam por modificações constantes, refletindo a própria sociedade. O que deve ser levado em conta é que nenhum estudo e nenhuma área está, ou estará estanque, principalmente pela velocidade das mediações circundantes e suas formas múltiplas de circulação.

Referências

ARAGÃO, Iury Parente. **Elos teórico-metodológicos da Folkcomunicação:** Ciespal, funcionalismo e pesquisas folclóricas no Brasil. [s.l.]: Independente Published, 2025.

ARBIX, Glauco. **Inteligência artificial ainda sofre com algoritmos enviesados**, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/colunistas/inteligencia-artificial-ainda-sofre-com-algoritmos-enviesados/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**. Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014.

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986.

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: contribuição de Luiz Beltrão para a Escola Latino-americana de Comunicação. São Bernardo do Campo, SP. **Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional**, n. 2, 1998.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **ChatGPT: evolução ou fim do Jornalismo?** Teresina: EdUESPI, 2023.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Inteligência Artificial e Jornalismo**. 1^a ed. Teresina: EdUESPI, 2024(a).

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Inteligência Artificial e Jornalismo**. 2^a ed. Teresina: EdUESPI, 2024(b).

BUTLER, Samuel. **Erewhon**. Lisboa: Penguin Books, 1970.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DS ACADEMY. **O que são Large Language Models (LLMs)?** 2023. Disponível em: <https://blog.dsacademy.com.br/o-que-sao-large-language-models-llms/>. Acesso em: 17.nov.2025.

GUARALDO, Tamara. O papel do líder de opinião na teoria da Folkcomunicação. Quito: **Revista Razón y Palabra**. N. 60, 2008.

IBM. **O que é LLM (large language models)?**. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/large-language-models>. Acesso em: 17 nov. 2025.

LAZARSFELD, Paul Felix. **Qualitative analysis**. Historical and critical essays. Boston: Allyn & Bacon, 1972.

LEMOS, Amanda. **Como surgiu a Inteligência Artificial?**, 2023. Disponível em: <https://exame.com/inteligencia-artificial/como-surgiu-a-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 05 abr. 2025.

LUCENA FILHO, Severino. **A festa junina em Campina Grande – PB: uma estratégia de Folkmarketing**, 2007.

LUYTEN, Joseph Maria. **Sistemas de Comunicação Popular**. Rio de Janeiro: Ática, 1998.

MELO, José Marques de. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.

MCCARTHY, John. **What is Artificial Intelligence?**, 2007. Disponível em: <https://www-formal.stanford.edu/jmc/whatisai.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

NILSSON, Nils J. **The Quest for Artificial Intelligence: A History of Ideas and Achievements**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

NORVING, Peter; RUSSELL, Stuart. **Inteligência Artificial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

YIN, Robert Kenneth. **Estudo de caso**. Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2014.